

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1973

BANDA, UMA IMPORTANTE DIVINDADE INDIGENA

Encontram-se documentados em epígrafes da época romana «vários» teónimos, seguramente indígenas, começados pelo elemento *band-*. Convencionou-se chamar-se-lhes as divindades do «*grupo band-*».

O estudo dessas epígrafes reveste-se de grande importancia para o conhecimento do substrato religioso pré-romano na Península.

As conclusões a que chegámos vêm trazer luz a um problema que intrigava os investigadores: a multiplicidade de divindades que eram cultuadas pela população indígena, mesmo sob o domínio romano. Concluiu-se que, na realidade, a mesma divindade podia assumir diferente designação consoante a região ou o povo que a cultuava. Esse aspecto variável está patente, de modo particular, nos epítetos que seguem o teónimo.

Já Tovar, nos seus *Estudios* (p. 189-191), considerava esses epítetos de índole geográfica e Schleiermacher, estudando os epítetos das divindades célticas e germânicas na Renânia, afirma que uma série de inscrições aí encontradas demonstra «que não se trata duma acumulação de divindades locais, mas muito simplesmente da notação das diversas qualidades duma única divindade» (*Les Surnoms*, p. 271). E continua: «Procurámos apenas provar que a religião encontrada pelos Romanos no Reno não estava assim tão fragmentada em cultos locais como frequentemente se supôs» (ibidem).

O mesmo se poderá dizer da Península Ibérica e, nomeadamente, do território português. A divindade *Banda* é exemplo flagrante dessa mutação «regional», como vamos tentar demonstrar.

Faremos um elenco das epígrafes encontradas em território actualmente português, debruçando-nos depois na problemática relativa à divindade.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU (Thomé de Távora e), *Noticias Geographicas e Historicas da Provinda de Tras-os-Montes, 1722-3*. Ms. da BNL (FG 221).
- ALMEIDA (D. Fernando de), *Mais Divindades Lusitanas do Grupo Band*, in «Revista da Faculdade de Letras de Lisboa», III série, n.º 9, 1965, p. 19-31.
- ALVES (Francisco Manuel), *Memorias Ar cheologico-Historicas do Districto de Bragança*, Porto. Vol. I, 1909, vol. IX, 1934.
- ARGOTE (D. Jerónimo Contador de), *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebisado de Braga, Primaz das Espanhas, Lisboa, tomo I, 1732; tomo II, 1734; tomo III, 1744*.
- BLÁZQUEZ-MARTINEZ (José Maria), *Aportaciones al Estudio de las Beligiones Primitivas de Espana*, in «Archivo Español de Arqueologia», vol. XXX, 1957, p. 15-86.
- BLÁZQUEZ-MARTINEZ (José Maria), *Beligiones Primitivas de Hispania, vol. I — Fuentes Literarias y Epigráficos, Roma, 1962*.
- CORTEZ (F. Russell), *Contributo para o Estudo da Hierologia Pré-Bomana da Beira*, in «Viriatís» (Boletim do Museu de Grão Vasco, Viseu), vol. I, 1957, p. 33-42.
- ENCARNAÇÃO (José d'), *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Faculdade de Letras de Lisboa, 1969, I vol. p. 57-84 (tese de licenciatura, policopiada).
- ENCARNAÇÃO (José d'), *Duas Importantes Aras Romanas de Vila da Feira*, in «Aveiro e o Seu Distrito» (publicação da Junta Distrital de Aveiro), n.º 11, 1971, p. 59-61.
- FIGUEIREDO (Moreira de), *Subsídios para o Estudo da Viação Romana das Beiras*, in «Beira Alta» (Boletim da Junta Distrital da Beira Alta, Viseu), vol. XII, 1953, pp. 27-63, 153-206.
- HÜBNER (Emílio), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, Berlim, 1869.

- HÜBNER (Emílio), *Noticias Archeologicas de Portugal*, in «Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa — Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas-Lettras», nova série, tomo IV, parte I, 1872.
- HÜBNER (Emilio), e DESSAU (H.), *Additamenta Nova ad Corporis Volumen II*, in «Ephemeris Epigraphica» (Instituto Arqueológico de Roma, Berlim), vol. IX, 1903, p. 12-185.
- LOPEZ CUEVILLAS (Florentino) e PINTO (Rui de Serpa), *Estudos sobre a Edade do Ferro no Noroeste da Peninsua — A Relixión*, in «Arquivos do Seminário de Estudos Galegos», Santiago de Compostela, vol. VI, 1934, pp. 295-367.
- MONTEIRO (José Alves), *Ara e Cipo Miliário Inéditos*, in «Novidades», 30/VIII e 6/IX de 1942.
- PINHEIRO (José Henriques), *Relatório sobre as Ruínas Romanas Descobertas junto da Povoação de Castro d? Avellãs...*, in «Revista de Guimarães», vol. V, 1888, pp. 71-96.
- SANTA MARIA (P. Fr. Agostinho de), *Santuário Mariano*, Lisboa, tomo V, 1716.
- SCHELEIERMACHER (Wilhelm), *Les Surnoms des Divinités Celtiques et Germaniques en Rhénanie*, in «Celticum», Ogam, Rennes, III, 1962, pp. 269-272.
- SOUSA (Arlindo de), *Vila da Feira Lusitano-Romana*, in «Douro-Litoral» (Boletim da Comissão de Etnografia e História, Junta de Província do Douro-Litoral), Porto, 2.^a série, vol. VIII, 1947, p. 52-59.
- TÁVORA (Fernando de Tavares e), *O Castelo da Feira*, Porto, 1917.
- TOVAR (António), *Estudios sobre las Primitivas Lenguas Hispánicas*, Buenos Aires, 1949.
- VASCONCELLOS (J. L. de), *Religiões da Lusitânia na Parte que principalmente se Refere a Portugal*, Lisboa, vol. II, 1905, vol. III, 1913.
- VASCONCELOS (J. L. de), *Deuses da Lusitânia (Resposta às Fantasias de um Censor)*, Lisboa, 1913.

AS INSCRIÇÕES

1) BANDA BRIALEACUS

Proveniência

Vizinhanças de Orjais, concelho de Covilhã.

Paradeiro actual

Numa casa vizinha da igreja matriz, dessa localidade, a servir de apoio ao telhado do balcão.

Interpretação

BANDEI / BRIALEAC/VI SEVERV/S ABRUNI F(ilius) /
/ V(otum) S(olvit).

Tradução

Severo, filho de Abruno, cumpriu o voto a Banda Brialeacus.

Observações

Notemos, quanto ao nome da divindade:

— *Bandei*, numa única linha, com uma forma de dativo alongado (-ei);

— o segundo elemento, *Brialeacui*, tem um dativo pré-céltico, em -ui, como na inscrição de Queiriz (cfr. *Banda Tatibeaicus*), onde o 1.º elemento é *Bandi* e a separação de linha, no 2.º elemento, se processa como aqui.

Bibliografia

ALMEIDA, *Mais*, p. 25; ENCARNAÇÃO, *Divindades*, p. 62-63.

2) BANDA RAEICUS

Proveniência

Pedra encontrada nos princípios do séc. xviii em Ribeira da Pena, concelho de Vila Real (Trás-os-Montes). Media um

côvado e nela estava «gravada a figura de um homem e no plano do peito, abaixo do rosto» é que vinha a inscrição (Argote).

Paradeiro actual

Desconhecido.

Interpretação

A inscrição encontrava-se «quebrada da parte em que principiam as letras» (Argote), de sorte que, de acordo com as duas versões mais antigas, apresentadas por Abreu, donde todas derivaram, as duas primeiras linhas terminam, respectivamente, por LVS e EBVRRI. Na 3.^a l., é possível que esteja FIL.BAND (um autor indica BNND, outro BANB). Na 4.^a, E.RAEICO ou EDMEICO. Na 5.^a, V(otum) S(olvit) L(ibens) M(erito).

Observações

Com base nas lições de Castro Pereira e de Borges (atrás citadas) e cingindo-nos à apreciação do nome da divindade, algumas conclusões se poderão tirar:

— o 1.^o elemento, isolado, é *Bande*. Na cópia de Castro Pereira, adoptada por Argote, é nítido o ponto a seguir ao E.

— o 2.^o elemento — *Raeico* ? *Paeco* ? *Meico* ? — apresenta a terminação *-eicus*. Inclinamo-nos para que, na lápide, esteja o epíteto *Baeicus*, somente porque, no Holder, encontramos um cognome *Baecus* e um gentílico *Raecius*, com os quais poderia estar relacionado. Contudo, só reaparecendo a pedra se poderá ter a certeza.

Bibliografia

ABREU, *Noticias*, p. 91 e 92; ARGOTE, *Memorias* III, p. VIII; CIL II 2387; VASCONCELLOS, *Beligiões*, II, p. 337; BLÁZQUEZ-MARTINEZ, *Aportaciones*, p. 52; BLÁZQUEZ-MARTINEZ, *Beligiones*, p. 51-52; ENCARNAÇÃO, *Divindades*, p. 63-65.

3) BANDA VELUGUS TOIRAECUS e TUERAEUS

Proveniência

Lápides descobertas no Castelo de S. Nicolau, de Vila da Feira, a primeira em 1912, a segunda em 1917.

Paradeiro actual

À esquerda das portas principais da torre de menagem do castelo.

Interpretação

1. ^a— DEO / TVERAEO / VOLENTI / ARCIVS / EPEICI (filius) B/RACARVS / S(acrum) F(ecit).
2. ^a— BANDE VE/LVGO TOIR/AECO L(ucius) LAT/RIVS BLAES/VS V(otum L(ibens) A(nimo) S(olvit).

Tradução

1. ^a — «Ao benévolo deus Tueraeus consagrou este monumento Areio, filho de Epeico, Brácaro de nação» (Vasconcellos).
2. ^a «Lúcio Latrio Bleso cumpriu de boamente o voto que fizera a(o deus) Bandevelugus Toiraecus (Vasconcellos).

Observações

Na 1.^a inscrição, há o substantivo *deus*, indicação colocada aqui porventura para desfazer qualquer dúvida acerca da qualidade de *Tueraeus*, expressão adjectival a que se junta *volens*, com o presumível sentido de *benévolo*, atributo que quadra bem a uma divindade protectora.

Na 2.^a, tal indicação não surge: o 1.º elemento é *Bande*, seguido por dois elementos nitidamente separados por *puncti distinguentes*; o último desses vocábulos apresenta o sufixo *-aecus*.

Bibliografia

1.^a inscrição: VASCONCELLOS, *Religiões*, III, p. 612-613; TÁVORA, *O Castelo*, p. 42-43; LOPEZ, *Estudos*, p. 355; SOUSA, *Vila*, p. 58; BLÁZQUEZ-MARTINEZ, *Religiones*, p. 216; ENCARNAÇÃO, *Divindades*, p. 248-250; ENCARNAÇÃO, *Duas*.

2.^a inscrição: TÁVORA, *O Castelo*, p. 43-44; SOUSA, F&Za; BLÁZQUEZ-MARTINEZ, *Religiones*, p. 52; ENCARNAÇÃO, *Divindades*, p. 66-67; ENCARNAÇÃO, DHOS.

4) BANDIS ARBARIAICUS

Proveniência

Capinha, povoação a sul da Guarda, entre Caria e Fundão.

Paradeiro actual

Desconhecido.

Interpretação

AMMINVS / ANDAITIAE F(ilius) / BANDIARBA/RIAICO VO/TVM L(ibens) M(erito) S(olvit).

Tradução

Amino, filho de Andaitia, cumpriu de boamente o voto ao mérito de Bandis Arbariaicus.

Observações

Notemos, com Leite de Vasconcellos(/ZeZ&g&oc III, p. 219-220), a possibilidade de o teónimo se decompor em *Bandi* e *Arbariaico*; o primeiro termo apresenta uma forma de dativo em *-i*, a que é possível corresponder um nominativo em *-is*, diversamente do que ocorrera nas inscrições precedentes (o dativo em *-e*, correspondente porventura a um nominativo em *-a*); o segundo termo termina, certamente, pelo conhecido sufixo *-aicus*.

A reconstituição apresentada é a de Hübner, que cita como fonte as *Schedae* de Acúrsio.

De notar, também, que o dedicante traz a filiação da mãe, porquanto *Andaitia* (se for esta a boa leitura) é, segundo parece, nome feminino. *Amminus* seria, conseqüentemente, um filho natural. De ordinário, em casos destes, não é indicada a filiação, inventa-se uma ou escreve-se SP(urius filius). Portanto, ou estamos perante um caso muito raro ou a epígrafe está mal lida, o que se nos afigura mais viável.

Bibliografia

HÜBNER, *Noticias*, 63; CIL II 454; VASCONCELLOS, *Religiões II*, p. 321, III, p. 219-220; BLÁZQUEZ-MARTINEZ, *Religiones*, p. 52-53; ENCARNÇÃO, *Divindades*, pp. 67-70.

5) BANDIS ISIBRAIA

Proveniencia e actual paradeiro

Torre Medieval da Bemposta, concelho de Penamacor.

Interpretação

1. a inscrição: BANDI / ISIBRAIE / CILIVS / CAMALI / F(iilius) V(otum) S(olvit).

2. » inscrição: [M]ATER[N]/VS M[AE]/LON[IS]/ F(iilius) BA[N]DI IS(I)B[RA(IE)]/ V(otum) S(olvit) L(ibens) [M(erito)].

Tradução

1. a inscrição: Cílio, filho de Camalo, cumpriu o voto a Bandis Isibraia.

2. a inscrição: Materno, filho de Maelo, cumpriu de boamente o voto ao mérito de Bandis Isibraia.

Observações

A terminação *-aia*, do epíteto, tem características de feminino, diversamente do que se verificara nas inscrições anteriores.

Descobertas no mesmo local, as lapides trazem o mesmo epíteto para a divindade, tal como acontecera em relação às epígrafes de Vila da Feira.

Bibliografia

ALMEIDA, *Mais Divindades*, p. 5-7; ENCARNÇÃO, *Divindades*, p. 70-71.

6) BANDIS OILIENAICUS

Proveniência

Fragmento de inscrição descoberto em Esmolfe, concelho de Penalva do Castelo.

Paradeiro actual

Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa (numa sala do 1.º andar).

Interpretação

BANDI / OILIEN/AICO...

Tradução

...a Bandis Oilienaicus.

Observações

A palavra *Bandi* surge isolada e é seguida duma outra, terminada em *-aicus*.

Bibliografia

HÜBNER, *Additamenta*, p. 24 (n.º 35); VASCONCELLOS, *Beligiões II*, p. 317-9, *III*, p. 219-220; VASCONCELLOS, *Deuses*, p. 17 (nota); BLÁZQUEZ-MARTINEZ, *Beligiones*, p. 53; ENCARNÇÃO, *Divindades*, p. 71-73.

7) BANDIS TATIBEAICUS

Proveniência

Queiriz, Fornos de Algodres.

Paradeiro actual

Museu Etnológico do Distrito de Viseu.

Interpretação

Q(uintus) VA/RIVS / APINI F(ilius) / BANDI / TATI-
BEAIC/VI VOCTO / TOLIT I(ussu).

Observações

Dispomos apenas duma fotografia, não muito límpida, da lápide, extraída de Figueiredo. Observámo-la demoradamente e pareceu-nos possível a interpretação apresentada:

1.ª linha: Embora de configuração estranha, a 1.ª letra assemelha-se a um Q, não sendo viável a comparação, feita por Blázquez, com a penúltima letra da 4.ª linha, pois esta é bastante diferente.

2.ª l.: A 1.ª letra dá-nos impressão de ser um R; no entanto, só um exame directo o poderia confirmar. O resto é claro.

3.ª l.: A última letra, apesar da curvatura inferior para a esquerda (que também surge no I da linha seguinte, embora menos acentuada), parece um F muito apertado, devido quiçá à falta de espaço.

4.ª l.: O *A* difere muito dos anteriores. O *D* apresenta configuração oval com o vértice para cima.

5.ª l.: Lemos B em vez de D — na foto, são nítidas as semelhanças com o B da l. 4.

6.ª e 7.ª l.: Seguimos Cortez, não tanto por concordarmos em absoluto com a sua interpretação, desprovida — em nosso entender — de sentido (que significa *vocto tolit iussu?*), mas porque é uma interpretação provável. Está contida nestas duas linhas a desinência do nome da divindade e a fórmula votiva — discordamos de Blázquez que se pronuncia pela inexistência da fórmula.

Bandi surge, mais uma vez, claramente isolado, seguido doutra palavra onde é visível o sufixo *-aicus* ou *-eaicus*, aqui provavelmente numa terminação indígena (como víramos na inscrição de Orjais, a *Banda Brialeacus*).

Bibliografia

FIGUEIREDO, *Subsídios*, p. 168; CORTEZ, *Contributo*, p. 37-38; BLÁZQUEZ-MARTINEZ, *Religiones*, p. 53-54; ENCARNAÇÃO, *Divinidades*, p. 73-77.

8) BANDIS VORTEAECEUS

Proveniência

Capela de S. Maria Madalena, Salgueiro, Fundão.

Paradeiro actual

Museu Municipal do Fundão.

Interpretação

REBVRRVS / TANCINI (filius) / BANDIVO/RTEAECEO
V(otum) S(olvit).

Tradução

Reburro, filho de Tancino, cumpriu o voto a Bandis Vortaeceus.

Observações

Embora na lápide não esteja explícito, poderemos adoptar a leitura *Bandi Vortaeceo*: a falta de ponto «distinguens» não é argumento a desfavor, porquanto nesta inscrição não há pontos. A terminação *-eaceo* é aproximável das anteriores.

(Há uma outra inscrição, que só tem *Bandi*: foi descoberta em Idanha-a-Velha, concelho de Idanha-a-Nova, e encontra-se no Museu de S. Dámaso daquela localidade. Trata-se de mais um testemunho do culto a esta divindade: faltam-nos, infelizmente, os restantes elementos da epígrafe).

Bibliografia

MONTEIRO, *Ara*; ALMEIDA, *Mais*, p. 3-4; ENCARNÇÃO, *Divindades*, p. 77-78.

9) BANDOGA

Proveniência

Lugar do Castelo do Mau Vizinho, nos limites das freguesias do Sul e de Figueira de Alva, concelho de S. Pedro do Sul.

Paradeiro actual

Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Lisboa).

Interpretação

BANDOGĒ / VOTVM CAMALI / VLPINI F(ilius) / CELTIVS / FILIVS / SOLVIT.

Tradução

Celtio, (seu) filho, cumpriu o voto de Camalo, filho de Ulpino, a Bandoga.

Observações

Observámos e fotografámos, em pormenor, o local do teónimo na epígrafe. A leitura é, na realidade, muito difícil. Trata-se, certamente, duma divindade começada por *Band-*; o *O* seguinte ainda se deixa perceber, mas o restante (no estado actual da pedra) é hipotético.

Bibliografia

VASCONCELLOS, *Beligiões II*, p. 316-317; BLÁZQUEZ-MARTÍNEZ, *Beligiones*, p. 54-55; ENCARNAÇÃO, *Divindades*, p. 77-79.

10) BANDUA

Proveniência

Ara que estava à porta do santuário de Nossa Senhora da Hedra, Cova da Lua, Bragança.

Paradeiro actual

Desconhecido.

Interpretação

BANDV/E CORN/ELIVS O/CVLATV/S V(otum) S(olvit)
L(íbens) M(erito).

Tradução

Cornélio Oculato cumpriu de boamente o voto ao mérito de Bandua.

Observações

Baseámos a nossa interpretação e divisão de linhas no texto de Santa Maria. Admite-se a leitura *Bandue*, possível dativo de

Bandua, dado que, em território espanhol, se encontraram lapides votivas a *Bandue Aetobrigo*, *Bandue Calaiço* (?), *Bandue Veigebreaego*. Notemos que os epítetos parecem ser tópicos e apresentar terminação de masculino.

Bibliografia

SANTA MARIA, *Santuário*, p. 657-658; CIL II 2498; PINHEIRO, *Relatório*, p. 86-87; VASCONCELOS, *Religiões*, II, p. 337-388; ALVES, *Memórias* IX, p. 52-54; BLÁZQUEZ-MARTINEZ, *Religiones*, p. 55; ENCARNAÇÃO, *Divindades*, p. 80-81.

O TEÓNIMO BANDA

Temos, pois, epigráficamente demonstrada a existência duma divindade com epítetos variáveis de lugar para lugar e formas linguísticas diferenciadas (que podem corresponder a variantes dialectais ou à diversidade de estádios evolutivos da linguagem). A cada «variante» ou «estádio» corresponderia, talvez, distinto nome da divindade:

- *Banda* (dativo em *Bande* e *Bandei*);
- *Bandis* (dativo: *Bandi*);
- *Bandua* (dativo: *Bandue*).

Trata-se, provavelmente, duma divindade masculina. Efectivamente, os epítetos apresentam terminação típica do género masculino, à excepção de *Isibraia*.

Mas citemos, a este respeito, as opiniões dalguns autores:

«O elemento *Band-* (...) encontra-se com efeito na área das línguas célticas e contém a ideia de *ordenar, proibir*» (VASCONCELLOS, *Religiões* II, p. 317).

«A frequência de *Band-* nos nomes das divindades justifica-se muito bem. Entre algumas das tribos que povoavam a Lusitânia havia elementos étnicos comuns, segundo é sabido; este carácter de comunidade devia reflectir-se nas línguas e, conseqüentemente, nos nomes divinos (...)» (VASCONCELLOS, *Deuses*, p. 20).

«*Bandua* — É um dos nomes galegos de maior extensão. Não se conhece exactamente a sua verdadeira natureza, podendo-se deduzir tão só das expressões adjectivais, que por vezes seguem o seu nome, que serviu de patrono a certas colectividades castrejas» (LOPEZ, *Estudos*, p. 309).

«No pequeno quadrilátero com vértices na Vila da Feira, Estarreja, Vouzela e S. Pedro do Sul temos as três povoações de *Bandavizes* (concelho de Vouzela), *Bandulha* (concelho de Estarreja e S. Pedro do Sul) e os deuses *Bandevlugus* e *Bandoga*. Entendemos que há relação filológica e histórica entre os três topónimos e o nome do deus *Band*. Próximo à linha S. Pedro do Sul — Vouzela, em Castelo de Penalva, consagrou-se a *Bandioilienaicus* ou *Bandius Ilienaicus*. No quadrilátero um pouco maior, com vértices nos concelhos de Paços de Ferreira, Ribeira da Pena, S. Marta de Penaguião e Mesão Frio, temos as povoações de *Bande* e *Banduja*, o hidrónimo *Banduje* e o deus *Banderaeicus*. Na Galiza os topónimos *Bande* e *Baños de Bande* devem estar relacionados com os mitónimos *Bandua* da inscrição brigantina e a da igreja moçárabe de Mixós, em Verín, e de **Banduaetobrigus*, de S. Maria de Codesás» (SOUSA, *Vila*, p. 53-54).

«A passagem de *w* a *i* quando precedida de consoante e seguida de vogal, posição em que parece particularmente instável. Assim temos, no nome do Rio Vouga, as formas *Vacua* e *Vacia*. Do mesmo modo se reduzem à unidade *Bandue*:- *Bandio*, *Bandiaepolosego*, *Bandoga*, *Bande*» (TOVAR, *Estudios*, p. 191).

«Assim, para os nomes em *Band*- cumpre também pensar na forma indo-europeia **bhendh-*, atar, ligar (...)» (MICHELENA, Luís, *Religiones Primitivas de Hispania* (recensão crítica), in «Zephyrus», Salamanca, vol. XII, 1961, p. 200).

«Por fim, afigura-se-nos evidente a localização em dois territórios distintos, demonstrada pelo mapa, do aparecimento das inscrições em *Bandi* e em *Bandu*. Cada uma destas formas deve corresponder a uma variante dialectal, diferente do extremo NO para o Oeste, mas assentes sobre a mesma língua de substrato; talvez se tratasse de tribos diferentes, embora o tronco celta lhes fosse comum. Por outro lado, e segundo o celtista Pedersen, citado por Wartburg, a vogal *u* ter-se-ia transformado em *i* depois de prévia passagem por *ü*: *u*) *ü*) *i*. O fenómeno ter-se-ia produ-

zido na Grã-Bretanha antes do séc. i ou do ii depois de Cristo. Talvez idêntico fenómeno se tivesse dado na Península, e então a forma do NO seria anterior à do O. Também se verifica em todas as variações que toma o nome da divindade, quando aparece completo na lápide, ser o sufixo diferente de um para outro local; e isso, talvez, por em cada um destes lugares não ter ainda sido encontrada mais de uma inscrição a ela dedicada. O principal interesse das duas inscrições da Bemposta vem preencher esta lacuna: ambas foram dedicadas, urna de certeza e outra segundo todas as probabilidades, a *Bandi Isibraia*. Como se sabe, a raiz *Band* significa tutela, em céltico; *Isibraia* seria assim, segundo tudo leva a crer, o nome do lugar, ou seja o primitivo topónimo da actual Bemposta: para ela se requeria a protecção da divindade» (ALMEIDA, *Mais*, p. 14-15).

Portanto, as conclusões linguísticas já obtidas, pelo que nos é dado saber e como se pode verificar pelas transcrições feitas, não vão contra os dados da Epigrafia a este respeito. Nomeadamente o Sr. Prof. Tovar, a quem apresentámos a nossa opinião, respondeu-nos: «Las observaciones que V. me hace al respecto son buenas» (carta de IO/IX/1969).

O significado do teónimo

Não consideramos desacertada a opinião de Michelena, que relaciona o teónimo *Banda* com a forma indo-europeia *bhendh-*, que significaria «atar», «ligar». A ideia de *ligar* persiste nas línguas actuais em vocábulos tão semelhantes que fazem pensar numa origem comum: *banda*, em Português, Espanhol e Italiano; *bander*, em Francês; *to band*, em Inglês.

Banda poderia ser, por isso, o deus que liga, ou melhor, que está ligado a determinada povoação ou tribo, o seu *senhor*. Situa-mo-nos, assim, dentro das hipóteses a tal propósito formuladas pelos investigadores que, de um modo geral, o consideram como divindade tutelar. A sua subsistência na toponímia actual — segundo a relação feita por Arlindo de Sousa — também é justificável: o nome da divindade poderia, ao longo dos séculos, por corruptela popular, estar na origem do topónimo.

Os epítetos

Como já se disse, para esta hipótese se considerar válida, o nome deveria ser invocado sob um só epíteto no mesmo lugar. E é o que acontece.

Demonstram-no, em primeiro lugar, as duas inscrições da Bemposta, estudadas pelo Sr. D. Fernando de Almeida.

Demonstram-no também as duas epígrafes de Vila da Feira, dedicadas a *Tueraeus* e a *Banda Velugus Toiraecus*.

Diz Arlindo de Sousa (art. cit., p. 58): «É possível que *Toiraecus* seja um epíteto tópico de *Bandevelugus* e *Tueraeus* o epíteto tópico empregado em vez do verdadeiro nome do deus». E nós perguntamos: *ir-se-iam cultuar no mesmo local duas divindades distintas de nome tão semelhante?* Parece bem que não.

Há, de resto, na epigrafia peninsular, outros exemplos de teónimos aparecerem com formas ligeiramente diferentes: *Arentius* e *Ar antius*; *Endovellicus*, *Endovollicus*, *Endovelicus*, *Endovolicus*, *Indovollicus*, *Enobolicus*; *Adaecina*, *Adaegina*, *Ataecina*, *Ataegina*.

Também não é raro os deuses serem nomeados apenas pelos seus epítetos, sendo de verificar que, nessa circunstância, aparece sempre a palavra *deus*, como que para desfazer qualquer dúvida. Assim, numa lápide do Museu de Évora, dedicada a Atégina, a deusa é invocada somente pelo epíteto tópico *Turubricensis*. Sucede o mesmo com a divindade *Cosus*, que, numa lápide de S. Tirso, é designada com o epíteto tópico *Neneoecus*.

Supomos, por conseguinte, justificada não só a correspondência *Toiraecus- Tueraeus*, como também a índole tutelar do deus *Banda* e a grande extensão do seu culto, incluindo-o entre os numes mais venerados nos tempos pré-romanos, na Península, ao lado de Endovélico, Atégina, Arêncio e, porventura, Coso.

Há, sem dúvida, pontos obscuros a solucionar: o porquê das variantes do nome, a origem dos epítetos, e outros talvez.

Essa, a missão da Linguística: esclarecer, confirmar ou refutar as hipóteses que os dados epigráficos nos permitiram lançar.

Cascais, Setembro de 1972.

JOSÉ D ENCARNÇÃO



A Tueracus



A Banda Velugus Toiraecus

(Fotografias cedidas pelo Dr. Carlos Alberto Ferreira de Almeida)